

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA**

JOSÉ MILTON DA SILVA MARINHO

**O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DO FILÓSOFO ALEMÃO
FRIEDRICH NIETZSCHE**

São Luís

2011

JOSÉ MILTON DA SILVA MARINHO

**O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DO FILÓSOFO ALEMÃO
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Oliveira.

São Luís

2011

Marinho, José Milton da Silva.

O problema da educação no pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche/José Milton da Silva Marinho. ____2011.

40 f.

Impresso por computador (Fotocópia).

Orientadora: Rita de Cássia Oliveira.

Monografia (Graduação) _ Universidade Federal do Maranhão, curso de Filosofia, 2011.

1.Filosofia –Nietzsche 2.Educação –Estado 3.Cultura
4.Modernidade I. Título

CDU 1NIETZSCHE

JOSÉ MILTON DA SILVA MARINHO

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DO FILÓSOFO ALEMÃO
FRIEDRICH NIETZSCHE

Monografia apresentada ao Curso de
Filosofia da Universidade Federal do
Maranhão, para obtenção do grau de
Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Oliveira (Orientadora)

Prof^a. Msc. Cynthia Moreira Lima

Prof^o. Dr^o. Luciano Silva Façanha

AGRADECIMENTOS

Registro aqui os meus votos eternos de agradecimentos.

Aos meus familiares, em especial aos meus pais: José dos Santos Marinho e Maria de Lourdes da Silva Marinho, estes, que muito embora distantes geograficamente nesse período da minha caminhada acadêmica, porém, constantemente presentes em pensamentos; aos meus irmãos: José Marilson da S. Marinho, José Maria da S. Marinho e Maria Lurdiane da S. Marinho, estes, assim como meus pais, foram motivos de grande incentivo a continuar na caminhada acadêmica, assim como também aos meus avôs maternos: Francisco Pereira Lago e Maria da Conceição da Silva e minha avó paterna: Rita Candida dos Santos.

À turma do Curso de Filosofia; A todos os amigos e colegas que, assim como eu, participaram dessa caminhada árdua e desafiadora dos estudos acadêmicos, mas que sempre permaneceram presentes, mesmo na pior das situações no desenrolar do processo de formação. Em especial aos amigos: Elton Caldas, Flaviano Menezes, Josué Silva Figueira, Adryanne, José Saulo Nogueira e sua fiel companheira Celeste Silva Ferreira.

Aos Mestres e Orientadores: Em primeira instância, o professor de Filosofia do segundo grau: Elger Falcão Loureiro que tanto me incentivou e deu apoio aos meus estudos; aos professores do Curso de Filosofia em geral, mais em especial aqueles que sempre tiveram disposição a me ouvir, conversar, aconselhar e, sobretudo, incentivar a caminhada filosófica; prof^o. Dr. Luciano Façanha, prof^o. Msc. Willian Coelho, prof^o Msc. Marly Cutrin, prof^o Msc. Wandeilson Miranda, prof^a. Msc. Maria Olívia, prof^o. Antônio José, prof^a. Zilmara de Jesus, aos ex – professores da UFMA: Edilene Boas e Professor Dr. Marcos Sinésio (*in memoriam*) e, por fim, a minha orientadora: prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Oliveira, não só por ter “aceito” o desafio de me orientar, mas também por ser uma pessoa e profissional que tanto admiro.

Aos amigos e companheiros, citados ou não abaixo, da Casa do Estudante Universitário do Maranhão – CEUMA: Adriano Pedro, Adriano Kilala, Bernardo Jr., Eliton, Fábio Coimbra, Maike Ferro, Geilson (Sarney), José Roberto, José Domingos Sá, Handison, Samuel, Walison, Paulo Leles, Gomar Jr., Elton Rafael, Derivaldo e Railton.

Aos irmãos e amigos que não tenho palavras para agradecê-los: Gláucia e família, João Dalvo e família, Antônica da Silva, Francisca Rosimeire, A. Vicente, Franciel da C. dos Santos, Henrique, Luana Julia, Dr. Zé Araujo, Leilson, Samuel Garci, D. Linda, Luiz A. B. Keise Regina, Ernane Pacheco, Ismael Monteiro.

Em memória de

Cícero da Silva

ε

Diego da Silva.

RESUMO

Este trabalho trata especificamente sobre o problema da educação, que é um dos inúmeros temas abordados por Friedrich Nietzsche no período inicial da sua escrita, embora o tenha mencionado também nas suas obras de maturidade. Nessa, consciência, o respectivo trabalho fixa-se no método hermenêutico de pesquisa, com o objetivo de descrever e apresentar as principais ideias postas por Nietzsche ao tema da educação, principalmente no que tange ao modelo moderno de educação, o qual descreve com maior ênfase nos textos escritos a servir de apoio em cinco conferências ministradas por ele na faculdade da Basileia: *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* e na *Terceira Intempestiva: Schopenhauer Educador*. Em ambos, o filósofo traça grandes críticas ao modelo moderno de educação que está sendo implantado na Alemanha, baseado em pressupostos pedagógicos fundamentados no modelo tecnicista de educação, o qual tende a direcionar os conteúdos ministrados nos estabelecimentos de ensino especificamente às ciências da natureza. Tal modelo não foi visto com bons olhos por Nietzsche, que afirma que este modelo objetiva exclusivamente formar uma cultura educacional decadente. Por fim, o presente trabalho também trata sobre o verdadeiro modelo de educação pensado por Nietzsche, que, segundo ele, é o dos gregos antigos, que formavam seus jovens com espíritos repletos de virtude (*arete*), por meio da orientação do mestre educador.

Palavras - chave: Educação em Nietzsche. Cultura. Modernidade.

ABSTRACT

This work treats specifically about education problem that is one in numerous others dealt by Friedrich Nietzsche in the beginning of his writing, although it was also mentioned in works of his maturity. In this sense, the respective work is fixed in a hermeneutic method researching the objective to describe and introduce the principal ideas posed by Nietzsche about education theme, particular in terms of modern model of education which describes with several emphasis in texts that had written to support five conferences taught by him at the University of Basilea: On the future of our educational institutions and Third Intempestive: Schopenhauer's as an educator. In both, the philosopher draws up criticism to modern model of education that is being deployed in Germany, based on pedagogical assumptions in the technical model of education which tends to direct the contents taught in educational establishments specifically to the natural sciences. This kind of education model is not looked favorably by Nietzsche, who states this model aims only form a decaying educational culture. Lastly, this work also treats about truth model of education thought by Nietzsche that is, as he said, is of the ancient Greeks, who formed their young minds full of virtue (arete), through the guidance of the master educator.

Key - words: Education on Nietzsche. Culture. Modernity.

SUMÁRIO

	p.
1. INTRODUÇÃO.....	09
2. OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO.....	14
2.1 A educação como formação.....	19
2.2 Educação a serviço do mercado.....	22
2.3 Os métodos educacionais.....	24
3. A EDUCAÇÃO.....	26
3.1 O mestre educador.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5. REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O modo como Nietzsche pensava a educação fugia de todos os padrões vigentes na sua época no que diz respeito à concepção moderna de educação estabelecida nos liceus, nos ginásios, nas academias e nas escolas técnicas. Porque segundo ele, o processo educacional vivenciado pelos jovens nestes estabelecimentos de ensino era comparável a um instrumento que funcionava como uma máquina de super produção de utensílios de consumo. As escolas técnicas e os outros estabelecimentos de ensino citados acima, segundo Nietzsche, formavam os jovens para serem servos da cultura econômica, em que a especificidade e a tecnicidade eram a grande meta a ser alcançada por estes estabelecimentos de ensino, para com a formação educacional destes jovens. Não se pensava em formar espíritos livres, pensava-se em formar servos da cultura utilitarista e consumista. Essa era a concepção de educação tecnicista que Nietzsche criticava, como se verifica na citação abaixo.

Acredito ter observado de que lado é mais claro o apelo à extensão é um dos dogmas da economia política [nationalökonomischen Dogmen] mais caro da época atual. O máximo de produção e necessidade possível –, portanto o máximo de felicidade possível: - eis mais ou menos a fórmula. Temos aqui, como objetivo e fim da cultura a utilidade, ou, mais exatamente, o lucro, o maior ganho de dinheiro possível [...]¹

Nietzsche pensava em uma educação que visava uma autenticidade cultural do conhecimento, através de exercícios de pensamentos que almejam uma completude sobre os fatos e as coisas do mundo. Algo que só pode existir pela conduta de um espírito livre do mestre educador, que exercerá a tarefa de conduzir os jovens estudantes para um caminhar em rumo de obter a posse de um saber que se diferencia por inteiro das maneiras tradicionais de fazer educação. Essas se fazem no estabelecimento de uma formação cultural, técnica e erudita a serviço do lucro e das produções industriais modernas. A educação pensada por Nietzsche se baseia na ideia de espírito livre que se

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2ª. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003, p. 61.

conduz pelo desejo e pela força rigorosa de atingir a totalidade das verdades² das coisas. Na qual somente um espírito pensante tem condições de atingir este nível de conhecimento, devido ao seu desprendimento sobre interesses externos.

O filósofo Nietzsche pensa em uma educação que está fora dos padrões tradicionais, que não se realiza, por sua vez, em um ensino de massificação da cultura. Para ele, este modelo tradicional expansionista dos estabelecimentos de ensino não serve para formação de uma cultura autêntica, afirma que a educação deve ser pensada como algo qualitativo e não quantitativo como era pensada na Alemanha de sua época.

O tema educação é um problema que o filósofo Friedrich Nietzsche descreve nos textos produzidos e elaborados por ele, a serem utilizados como suporte da sua fala em cinco conferências ministradas no início da sua carreira de professor de filologia na Universidade da Basileia, ao falar para um público de alunos, professores e intelectuais, sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino alemães. Também trabalhou, sobre o referido tema, na *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*. Nesses textos o nosso pensador traça um leque de reflexões e argumentações sobre o problema da educação e da cultura, apontando

² Quando mencionado ou tratado o termo verdade, em quais que seja seu desdobramento; o problema da verdade ou até mesmo à questão da verdade, em referência ao pensamento de Nietzsche, nesse respectivo trabalho monográfico, em hipótese alguma, temos a intenção de defender ou apresentar um conceito ou uma nova definição de verdade dentro da filosofia do respectivo pensador. Tendo em vista à consciência que temos sobre real intencionalidade que o mesmo teve ao tratar desse problema nas suas obras. Que fora acima de tudo à de refutação das verdades existentes e não corroboração com as mesmas, e muito menos, a de criar novas verdades. Como muito bem frisa Miguel Antonio do Nascimento, no texto, *Nietzsche e questão da verdade*. - *O tema da verdade coexistiu sempre com a filosofia. Isto indica que, de uma forma ou de outra, a importância da questão da verdade se impõe por si mesma. Esta questão hoje continua sendo igualmente importante. Em relação ao pensamento de Nietzsche, ela se torna peculiar e específica. É que Nietzsche trata da verdade para refutá-la em detrimento de conceituá-la [...]*. (NASCIMENTO, Miguel Antonio, 2006, p247).

como referência dos seus estudos o tema da educação, sempre interligando o referido tema a figura do filósofo Arthur Schopenhauer que é citado por Nietzsche como um verdadeiro exemplo de professor³. Pois foi o único capaz de ensinar. Afirma ainda que Schopenhauer fora seu único mestre no horizonte da filosofia. Argumenta que a grandeza do pensar – reflexivo desse filósofo é correlacionado à sua perspectiva, que vê as coisas do mundo por meio do plano da imanência. E é assim, nessa convicção que o jovem Nietzsche trabalha a reflexão sobre o problema da educação, que é um elemento diretamente ligado ao tema da verdade. Essa categoria é muito importante para a compreensão do problema que se vincula com outro problema, no que tange à liberdade. Que de certa maneira podem ser entendidas como categorias convergentes no pensamento nietzschiano. O filósofo trabalha esta temática, vinculando-a dentro do horizonte de força que mediam as práticas de formação educacional, que poderá ser o resultante do jogo entre o saber-conhecer, do saber-fazer e do ensinar-apreender, este de todo modo é o grande elo que vincula o mestre educador e o jovem estudante que se dispõe a trilhar os caminhos da liberdade, que tem como propósito final a efetivação de uma cultura autêntica.

O problema da educação tem um alto grau de relevância, por ser o grande elemento que abrange por natureza o exercício e o processo, nos quais os seres humanos travam para se relacionar com o conhecimento das coisas reais no mundo. Este assunto possibilita diversas discussões de elevada importância para o exercício filosófico. E quando o filósofo Nietzsche resolve falar sobre a ideia de sujeito autêntico, pensou de imediato em seus pressupostos no qual este termo deve ser agregado. Tendo assim o cuidado de não causar prejuízo para a reflexão, na qual irá realizar sobre a temática da educação e da cultura. Ao se referir sobre a autenticidade na cultura educacional, pensa e defende-a como sendo uma fazer objetivo, construído mediante um elo entre o sujeito que ensina (o mestre filósofo) e o sujeito que

³“É por isso que vou lembrar hoje o nome do único professor, o único mestre de quem eu posso me orgulhar, Arthur Schopenhauer, para só lembrar de outros mais tarde” (NIETZSCHE, 2003, p. 142).

aprende (o jovem estudante que carrega em si o compromisso rigoroso de se submeter de maneira obediente às orientações do mestre educador). Dessa maneira, ele defende a existência da figura do mestre orientador, para que os jovens adquiram uma formação cultural consolidada no espírito verdadeiro, rigoroso e universal da filosofia. Proporcionando e autorizando aos jovens a capacidade de interagir com o mundo através das suas próprias habilidades por meio do uso livre das suas potencialidades à vista de uma formação educacional culturalmente autêntica.

Segundo o filósofo Nietzsche, o ser autêntico, ou seja, um ser livre constitui-se como aquele sujeito capaz de atuar em um determinado contexto, período e determinado instante, apto a solucionar e assim desenvolver de forma clara e distinta os desafios que exigem uma ação constante de superação, no decorrer da execução de um fazer, de um agir e um desenvolver das coisas no mundo pelo viés da genialidade.

[...] Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida - ninguém, exceto tu. Certamente tu mesmo transpõe no fluxo da vida - ninguém, exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar para o outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesses inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva ele? Não perguntes nada, debes seguir este caminho. [...]⁴

A autenticidade de um sujeito no qual é trabalhado pelo filósofo, dentro da temática sobre a educação e as possibilidades de futuro nos quais estas irão atingir, sobretudo, nos estabelecimentos de ensino alemães do século XIX. É extremamente pertinente para as reflexões sobre educação em tempos atuais. Principalmente quando o mesmo faz uma análise distinta sobre a forma na qual está sendo pensada e assim executada a educação na Alemanha do seu tempo. Mostrando assim, porque os estabelecimentos de ensino perderam seus pressupostos de um fazer autêntico sobre educação. Pois, segundo ele, não se pensava em um fazer educacional que se constitui como algo

⁴ Ibid., p. 141

extremamente comprometido com atitude de orientar o espírito dos jovens estudantes que almejam adquirir uma formação, cujas águas a serem navegadas os levarão ao acesso de uma cultura autêntica, que tem como meta uma formação intelectual que visa servir à verdade.

A formação educacional dos jovens estudantes inseridos nos estabelecimento de ensino alemão se constitui como algo desordenado e sem nenhum princípio que preza pela construção de uma educação solidificada em bases culturais advindas de culturas superiores, que admitem acima de tudo o compromisso com o conhecimento puro e verdadeiro, em que a figura do mestre educador é respeitada e aceita da melhor forma possível.

O tema da educação constitui-se num problema filosófico extremamente sério. Nietzsche, logo no início da primeira conferência das quatro que ministrou sobre a problemática do futuro dos estabelecimentos de ensino, pede para as pessoas que porventura se interessarem pelo assunto, que o trabalhem com seriedade, por ser um “*assunto sério e importante*”⁵ Diante disto, realiza suas argumentações sobre este tema no decorrer dos textos nos quais escreveu para ministrar as referidas conferências no seu período de jovem professor da Basileia. Nas quais trabalhou o problema da educação, juntamente com a sua perspectiva da ideia de cultura autêntica.

Nietzsche com sua perspicácia argumenta e explica de maneira bastante modesta, no prefácio dos escritos sobre futuro dos nossos estabelecimentos de ensino que mesmo na condição de conferencista não tinha autoridade para falar sobre Educação, mas que iria narrar um diálogo testemunhado por ele e um amigo entre dois homens no local que escolhera com um grupo de amigos estudantes.

De fato, tenho plena consciência do lugar em que agora aconselho a refletir e a meditar a respeito deste diálogo, quer dizer, esta cidade que, com o espírito de uma elevação incomparável, procura fazer progredir a formação da educação de seus cidadãos, numa escala que só pode ter algo de humilhante para o Estado mais importante: assim, certamente não estou errado quando suponho que lá onde se faz mais neste domínio se deve também pensar mais [...]⁶

⁵ Nietzsche. *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, 2004, p. 48

⁶ *Ibid.*, p.49

Assim, trabalha o problema, descrevendo e narrando os detalhes desta conversa entre os dois homens (um filósofo e um discípulo), os quais travaram corajosamente a reflexão a respeito deste problema que segundo Nietzsche é um problema perturbador devido ao grau de importância. A oportunidade de testemunhar a conversa no período de estudante existiu em decorrência de uma mera coincidência na escolha dum local para ser sede de encontro para atividade de reflexão, mas com o modo de fazer diferente.

No instante em que Nietzsche fala sobre a conversa que ouviu entre os homens, relata e compartilha, um pouco da sua história na condição de jovem estudante universitário, que tinha sonhos e ideias e que constantemente comungava as mesmas ao seu grupo de colega estudantes, cujo fruto disso, foi que em certo momento das suas vidas eles criaram um grupo de estudo na perspectiva de estarem produzindo alternativas de trabalhos no campo da poesia, da música e da literatura, visando um modo artístico de ver o mundo. Algo que de certo modo era ignorado por outros jovens universitários. Assim, esse grupo de estudos tinha como meta mensal realizar uma produção sobre qualquer área do conhecimento, que deveria ser repassada para os demais membros do grupo para ser avaliada e julgada com sinceridade absoluta. *“Pensara assim, graças a esta vigilância mútua, tanto mais estimular ou refrear nossas inclinações para a cultura [...]”*⁷.

O filósofo destaca os principais pressupostos para uma sociedade obter um espírito de cultura superior⁸. Algo que só pode ser adquirido por meio do resgate do verdadeiro modelo de exercício educacional, que compreendesse os estabelecimentos de ensino como um espaço para se adquirir e ter acesso à cultura, esta, baseada no modelo clássico. Mediante o compromisso com o ensino reflexivo sobre as artes (música, pintura, poesia, literatura etc.), ensino rigoroso da língua alemã, prezando pela preservação dos valores essenciais das culturas superiores, em que a ciência não é realizada para servir aos

⁷ Ibid., p.50

⁸ Para Nietzsche, um exemplo de cultura superior esta na sociedade grega clássica. Sociedade que fora movida pelo espírito verdadeiro da filosofia que é desbravador, reflexivo, rigoroso e universal.

projetos dominadores do Estado, e que a busca do conhecimento não seja imediatista, como faz a modernidade baseada no modelo cultural jornalístico.

2 OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

No início do prefácio da obra *Escritos Sobre Educação*, Nietzsche deixa claro que sua reflexão sobre o tema educação compreende a um exercício argumentativo e intelectual voltado a esse tema vinculado à realidade do seu país (Alemanha), uma vez que reconhece que a pretensão de fazer uma abordagem mundial se tornaria algo muito complexo, tendo em vista a grandiosidade do respectivo tema. Nesse sentido, registra que sua abordagem no que tange à realidade da educação alemã, volta-se principalmente à reflexão *Sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino*.⁹

É o futuro destas instituições alemãs que nos deve reter, quer dizer, o futuro das escolas primárias alemãs, da escola técnica alemã, do ginásio alemão, da universidade alemã: fazendo isso, renunciamos provisoriamente a qualquer comparação e a qualquer julgamento de valor, como se as condições que são as nossas, em relação às de outros povos cultos, fossem modelos universais jamais superados. Basta que sejam escolas onde adquirimos a cultura; não é fortuito que sejam associadas a nós e não colocadas sobre nós como uma vestimenta [...].¹⁰

Como podemos perceber, para esse pensador os estabelecimentos de ensino se trata e deve corresponder ao aspecto, inicial, para reflexão sobre a formação educacional. Pois, trata-se de um ambiente pensado e assim direcionado a receber os jovens em processo de formação educacional, além disso, os referidos ambientes devem evidenciar-se primordialmente, como um puro e verdadeiro local em que esses jovens irão desenvolver sua formação

9

Essa reflexão fora desenvolvida mais especificamente em cinco conferências ministrada por Nietzsche na Universidade da Basileia e principalmente nos textos escritos por ele no período de 1869 a 1879.

¹⁰ Ibid., p.42

intelectual e cultural. Mas, o que motivou esse pensador, e no correspondente período, professor universitário, a refletir sobre situação do ensino na Alemanha, foi o resultado das suas percepções sobre as constantes mudanças ocorridas nos modelos educacionais vigentes. Essas constantes mudanças estão vinculadas ao projeto de modernização do ensino. “*A propósito disso, permanece diante dos meus olhos o fato de que muitas mudanças dos nossos estabelecimentos de ensino, a nossa época se permitiu para torná-los atuais, são em boa parte aspectos falhos e errâncias em relação à tendência [...]*”¹¹. Nietzsche não via com bons olhos as constantes mudanças ocorridas no sistema educacional alemão, vinculadas a *proposta educacional moderna*¹². Segundo a sua visão, estão ocorrendo grandes perdas para o ensino. E futuramente, segundo sua perspectiva visionária, levará os respectivos estabelecimentos de ensino a perderem a sua real função que é educar verdadeiramente os jovens, um gesto puramente sublime. Mas o filósofo, ao falar mais especificamente sobre a cultura educacional moderna e sua tendência futura, registra:

¹¹ Ibid., p.43

¹²No decorrer do século XIX, é forte às mudanças no sistema de ensino da Alemanha com propósito de modernizar o ensino vigente, no sentido de fixar no seu modelo educacional a dinâmica do espírito da modernidade, que busca, acima de tudo, valorizar o saber técnico e científico, que é algo contrário ao modelo tradicional alemão de educação, cujo mesmo é conduzido no viés da formação educacional intelectual, guiada pelos princípios clássicos de educação, que busca valorizar os estudos literários, visando uma formação cultural e educacional voltada para o domínio do conhecimento reflexivo, que não se aprofunda nos estudos de cunho técnico e prático da ciência. No que tange às mudanças ocorridas podem ser destacadas as seguintes: mudanças no ensino elementar, *Volkschule*, que fora instituída na primeira metade do século XIX; esse, estruturado em 8 anos de estudos, divididos em dois períodos, o primeiro com duração 5 anos e o segundo com duração 3 anos. Esses três últimos anos poderiam ser opcionalmente investidos nos estudos preparatórios; a escolas de ensino normal, *Präparandenanstalt*, destinados à formação de professores. Mas a partir de 1834, as escolas voltadas para o ensino normal ou secundário foram unificadas e organizadas com a uma finalidade própria, deixando de ser simplesmente preparatórias para o ensino superior. Estabeleceram-se, por isso, exames finais que, sem propriamente reprovar, destinavam-se a habilitar os que podiam ser admitidos no serviço civil, e os que podiam prosseguir os estudos numa universidade. Sendo que as escolas preparatórias votaram-se para os ensinos com ênfase no ensino de matemática e ciências, ou seja, volta-se mais especificamente para âmbito técnico-científico, deixando para o segundo plano, os estudos de cunho teórico-reflexivo, orientados pelas grandes literaturas e estudos das línguas clássicas (grego e o latim). Nesse sentido, os estudos de natureza prática e científica são colocados em alta por esse estabelecimento de ensino no período moderno.
(TEIXEIRA, Anísio S. *Educação*. In: BONOW, IvaWaisberg (org); MENDONÇA, Edgard S. de.; [Et al]. *Enciclopédia Delta Larousse*. V. IV. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1968).

[...] Ela vencerá, tenho plena confiança nisso, porque possui o maior e o mais poderoso aliado, a natureza: e não temos o direito de silenciar sobre o fato de que muitos pressupostos dos nossos métodos educacionais modernos levam consigo o caráter do não-natural e que as mais graves fraquezas do nosso tempo estão justamente ligadas a estes métodos antinaturais de educação [...] ¹³.

Nessa passagem embora possa parecer que o conteúdo corresponda simplesmente a um elogio realizado por Nietzsche sobre a poderosa capacidade que o movimento do espírito moderno tem de se estabelecer, tornando impossível uma possível vitória no estabelecimento de ensino com um embate a esse movimento cultural moderno, devido à mesma ter como base de fundamento a natureza. Porém, não se trata de um profundo reconhecimento ou elogio a vitória das tendências modernas, de formação educacional, pois os pressupostos dessas estão, sobretudo, ligados ao não-natural.

De todo modo, esta sentença corresponde uma crítica sutil, a ideia de transformação e manipulação da natureza através do conhecimento científico e, sobretudo, técnico prático, através da atividade do trabalho. Para esse pensador, o projeto da cultura moderna se estabelece silenciosamente através de duas tendências que se mostram aparentemente opostas no horizonte da formação cultural e, sobretudo, educacional: tendência à extensão e à redução. A primeira afirma-se no projeto de expansão da cultura educacional científica e a outra no projeto de redução dos padrões educacionais já existentes que visa acima de tudo o alcance da soberania. Se recorrermos novamente à passagem acima veremos que o filósofo fala dessas tendências e inicia afirmando que essas, querendo ou não, se fixarão. Tal juízo é emitido em virtude do reconhecimento de que essas duas tendências não são opostas e fazem parte do mesmo projeto moderno de educação, que está sendo implantado nos estabelecimentos de ensino silenciosamente, através do jogo de afirmação e negação ¹⁴de cultura. Muito embora o reconhecimento que

¹³NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003 p.43.

¹⁴ As idéias de *afirmação e negação*, no sentido de divergência, estão aqui postas, em referência às críticas de Nietzsche sobre a tendência progressista de cultura

Nietzsche faz sobre a grandiosa possibilidade de serem estabelecidos os padrões educacionais modernos na Alemanha, não descarta a possibilidade de uma vitória sobre eles, haja vista que reconhece que a metodologia moderna mesmo sendo adotado hegemonicamente nos estabelecimentos de ensino não passa de um tipo de formação mentirosa, devido não corresponder aos desígnios reais da natureza. Como podemos perceber na seguinte passagem:

[...] A crença na possibilidade de uma vitória é justificada, porque sabemos que estas duas tendências à extensão e à redução são tão contrárias aos desígnios constantes da natureza quanto à concentração da cultura num pequeno número é uma lei necessária da natureza, e de uma maneira geral uma verdade, embora as duas outras tendências só possam chegar a fundar uma cultura mentirosa [...]¹⁵.

Como vemos o forte desejo de adotar o método educacional moderno que emerge por meio do espírito de expansão do saber científico, através da redução dos padrões clássicos vigentes está de todo modo fixando em sua mão algo falso, e está se distanciando do verdadeiro padrão educacional moldado pela natureza. Tendo em vista o que já fora dito, havemos de reconhecer que é muito pertinente a preocupação de Nietzsche sobre a situação futura da educação que irá ser oferecida hegemonicamente nos estabelecimentos de ensino do seu país, por se tratar de um modelo que se funda no fortalecimento e no enfraquecimento tanto da cultura como também da educação.

Tendo em vista que esse fortalecimento mencionado corresponde às prerrogativas da política econômica do Estado, a qual visa sempre o crescimento da produção e do consumo em massa, formando seus pares, dentro dos moldes da cultura tecnicista moderna. Já, por outro lado, ela enfraquece qualquer que seja as perspectivas de formação de homens com

educacional moderna. Que preza pela fixação de um processo de formação, fadado, nos molde da economia política do Estado. Que exige dos homens, a obtenção expandida de informação, mesmo, que nelas contenham reduzidos elementos formadores de cultura no seu mais positivo sentido.

¹⁵ Ibid., p.45

consciência crítica, com potencial de produção criativa e, sobretudo, de formar os homens repletos de espírito livre que pensa e age no mundo por si mesmo, pois a prática pedagógica literária dos Ginásios é estruturalmente muito pobre. E é sobre esse aspecto que Nietzsche denuncia que a situação do ensino nos Ginásios estava desvalida e em decadência em graus de dar margens ao seguinte trocadilho feito pelo pensador sobre a referida situação: “*Nossa filosofia deve aqui começar não pela admiração, mas pelo terror: a quem não pode provocá-lo, gora-se não tocar nas coisas da pedagogia*¹⁶”, tudo isso por falta de uma condução pedagógica que vise uma formação para o desenvolvimento do talento inventivo algo típico do espírito clássico do gênio que é um sujeito de natureza contrária, o do erudito. “[...] *Não se poderia deixar de reconhecer o seu valor de modelo num ponto tão importante, caso o plano da educação dos nossos ginásios adotasse realmente como o supremo modelo de ensino o mundo clássico da Grécia e de Roma[...]*”¹⁷

2.1 A educação como formação

Podemos afirmar que a ideia de educação em Nietzsche não se desprende da ideia de formação na Paidéia grega. Segundo Rocha¹⁸, a perspectiva de vincular a ideia de educação com formação, de algum modo tende a dar um sentido metafísico à educação. Tendo como base para sua argumentação, o conceito de formação, que segundo a mesma: “*repousar sobre o pressuposto metafísico de um sujeito que deve ser educado em vista de um fim*”¹⁹. E é nesse ponto que ela afirma que o sentido de educação como formação se efetiva como um tema delicado na filosofia de Nietzsche, devido problematizar e muitas vezes negar o conceito de sujeito.

¹⁶ Ibid., p. 67

¹⁷ Ibid. p. 74

¹⁸ Doutora em Filosofia; professora adjunta da Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro (Uerj).

¹⁹ ROCHA, Sílvia Pimenta Velloso. Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação. In: MARTINS, Angela S.; PINHEIRO, P. (org.) [et al.]. *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Editora DP & A, Rio de Janeiro; Editora UNI-RIO, Brasília; Editora Capes, 2006, p. 268

A natureza metafísica da idéia de formação pode ser identificada em diversos aspectos. Em primeiro lugar, ela se dirige para um fim transcendente. Seu valor não reside no processo, mas no objetivo a que ele deve conduzir: transformar o sujeito (entendido como conjunto de virtualidades) em membro da polis, homem culto ou civilizado, cidadão ativo, trabalhador capaz de se inserir na vida econômica etc. É, portanto, uma idéia fundamentalmente teológica. Trata-se ainda de um processo metafísico na medida em que se funda na universalidade daquilo que se pretende transmitir (a verdade, a moral, o conhecimento) ²⁰.

Nessa passagem Rocha, apresenta pressupostos que comprometem qualquer que seja a ideia de educação como formação no pensamento de Nietzsche. Levando em consideração os fortes indícios que a ideia de formação traz em si elementos de natureza metafísica. Todavia, ela apresenta uma análise sobre educação na obra de Nietzsche, tendo como ponto de partida, um viés imanente, ou seja, contrapõe a ideia de formação com a ideia de transformação. Argumenta que tomou como base para chegar a tal juízo a “*frase que Nietzsche, inspirado em Píndaro, utilizou como subtítulo de Ecce homo: como tornar-se aquele que se é*” ²¹. Entendendo que essa respectiva frase tem uma conotação imanente e não só transcendente, em que indica intrinsecamente uma essência ao homem, esta, a ser conquistada. Muito embora Rocha reconheça nos moldes gerais que esta frase detenha as duas lógicas: a de conotação como formação e de transformação. Nesses parâmetros, existe a indicação das duas visões distintas de educação, como podemos perceber na passagem abaixo:

Concebida como formação, a educação pressupõe o saber e o conhecimento: evidentemente, só se pode ensinar o que se sabe. Do ponto de vista de uma lógica da transformação, ao contrário, “o que se sabe” é precisamente o que deve ser superado, problematizado. A transformação implica um certo espaço para o não saber, pois transformar-se é ser capaz de abrir mão do que se sabe, de deixar de ser aquele que sabe para experimentar o desconhecido [...] ²²

²⁰ Id.

²¹ Ibid., p. 269

²² Ibid., p. 263

Mas o contraponto posto por Rocha se prende na questão correlacionada ao procedimento em que se estrutura a educação nessas duas visões. Na primeira, se vale da ideia de um sujeito que irá ser educado por vias de um processo acumulativo e pontual, visando, assim, um fim. Na segunda, a educação se efetiva por um processo contínuo. A educação como formação trata de um sujeito imutável, já para perspectiva de educação como um processo, trata-se de um sujeito mutável ou apto a novas transformações.

A ideia de educação como formação no pensamento de Nietzsche é defendida por Larrosa na obra *Nietzsche & a Educação*²³, tendo também, como ponto de partida, a Ode Píndica de Píndaro “como se chega a ser o que se é”, que Nietzsche reescreveu como “converte-te no que és!”. Segundo afirma Larrosa é uma frase que o referido pensador meditou profundamente e fez vivê-la constantemente no percurso da sua obra filosófica.

A educação é pensada por Nietzsche como um caminho capaz de levar o homem ao maior estado de individuação, ou melhor, é um meio que o sujeito poderá obter bases para encontrar e assim seguir seu caminho em vias de sua autenticidade.

Nietzsche propõe uma série de exames de consciência que inclui um olhar reflexivo até os próprios educadores, e que servirá como transição para um deslocamento do olhar até Schopenhauer, e, através de Schopenhauer, até a filosofia como forma de vida e como disciplina de liberação e intensificação da vida, ou, se quer, como disciplina da indisciplina.²⁴

Para Larrosa, o modelo de educação em Nietzsche tem como ponto de partida para sua efetivação, o gesto primeiro, a negação, esta, voltada para todas as perspectivas que envolvia os estabelecimentos de formação e os mestres do seu tempo, por corresponderem um perigo a *Bildung*²⁵. A educação como formação se faz intempestivamente mediante uma luta contra o tempo

²³ LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a Educação*. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Editora Autêntica, 2005.

²⁴ Ibid., p. 65

²⁵ *Educação*. Tradução do alemão para o português.

presente e, também, contra as estruturas de um sujeito estabelecido e já constituído.

A formação só poderá realizar-se intempestivamente, contra o presente, inclusive contra esse eu constituído, cujas necessidades, desejos, idéias e ações não são outra coisa que o correlato de uma época indigente. A luta contra o presente é também, e, sobretudo, uma luta contra o sujeito. Para “chegar a ser o que se é” há que combater o que já se é. Porém, o sentido dessa luta é afirmativo²⁶.

Como vimos é defendido por Larrosa através dessa passagem que o processo que tange à educação em Nietzsche, como um mecanismo de formação, se estabelece por meio de um horizonte que busca no mesmo tempo negar os padrões culturais do seu tempo, busca afirmar a possibilidade de um sujeito, que poderá através da educação “*chegar a ser o que se é*”, ou seja, apresenta uma modelo de formação que leva o homem construir sua própria identidade. “[...] *Bildung poderia ser entendida como a idéia que subjaz ao relato do processo temporal pelo qual um indivíduo singular alcança sua própria forma, constitui sua própria identidade, configura sua particular humanidade ou, definitivamente, converte-se no que é*”.

2.2 A educação a serviço do mercado

Nietzsche faz constantes apontamentos com fortes e intensas conotações de denúncia, correlacionados à proposta moderna de educação. Para ele, o propósito de ampliação e extensão da educação sob pressuposto à luz da modernidade não corresponde e não condiz com uma formação cultural livre. Mas o que há de concreto nela é uma forte manipulação dos jovens por meio dos dogmas da economia política, através da venda do discurso, que garante o acesso à felicidade ou posse de mais felicidade através de um acúmulo maior de dinheiro por meio da cultura. Nesse sentido, o fim da educação pensada segundo a natureza pragmática da ciência é atingir o maior ganho de dinheiro, como podemos perceber nessa passagem abaixo:

²⁶ Ibid., p. 61

Acredito ter observado de que lado é mais claro o apelo à extensão, à ampliação máxima da cultura. Esta extensão é um dos dogmas da economia política [nationalökonomischen Dogmen] mais caros da época atual. O máximo de conhecimento e cultura possível tanto o máximo de produção e necessidades possível -, portanto o máximo de felicidade possível: - eis mais um ou menos a fórmula²⁷.

O modelo de educação moderno é para Nietzsche uma grande estrutura pensada e assim criada para funcionar em um universo mecânico a serviço da economia política do Estado, ou seja, o que existe de concreto é a manipulação que visa aculturação dos jovens a serviço dos interesses de produção e consumo do mercado. Tal noção de formação cultural é bem comentada por Bosi:

[...] Aculturar um povo se traduziria, afinal, em sujeitá-lo ou, no melhor dos casos, adaptá-lo tecnologicamente a certo padrão tido como superior. Em certos regimes industriais – militares essa relação se desnuda sem pudores. Produzir é controlar o trabalhador e o consumidor, eventualmente cidadão. Economia já é política em estado bruto [...].²⁸

Como vemos na passagem acima, o processo de aculturação de um povo, em vias de fato é posto ou imposto, sempre como um mecanismo manipulador do olhar desse homem, ou melhor, desse cidadão, que induzido a perceber a formação cultural do Estado, como um elemento positivo e bom para a vida na comunidade. Nesse sentido, todos os membros dessa comunidade devem buscar diariamente em impulsos frenéticos mais formação educacional no intuito crescente de terem acesso a mais e mais dinheiro e assim poderem gozar da felicidade. Assim, a formação nesse sentido é pensada para preparar homens a serviço da economia política do Estado e do Mercado, exigindo sempre desses homens o maior nível de cultura, obtida na maior rapidez possível no propósito de atingir felicidade e lucro. Tal processo formativo busca criar eternamente uma repulsa a outro padrão de cultura educacional que ponha a disposição dos homens outros fins, pois “[...] *segundo esta perspectiva, se chega mesmo a odiar toda cultura que torne solitário, que*

²⁷ Ibid., p. 60

²⁸ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4.ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, p.16

*proponha fins para além do dinheiro e do ganho [...]”*²⁹. Como vemos, a crítica de Nietzsche ao modelo moderno de educação adotado na Alemanha do seu tempo se fixa como um manifesto de denúncia principalmente no que tange à característica do método moderno de apresentar uma cultura que se tem como único fim atingir a felicidade baseado no lucro. Temos que registrar que essa denúncia sobre a natureza do modelo moderno de educação e cultura já havia sido feita anteriormente pelo filósofo Arthur Schopenhauer³⁰, principalmente quando ele faz a crítica sobre a falta de compromisso com a qualidade do ensino na Alemanha do seu tempo, que em todo sentido tendeu-se ao espírito de uma cultura mediada por padrões econômicos, que tem como um dos seus pressupostos pedagógicos oferecer uma educação que preza pela formação no sentido de quantidade de informação e não formação em vias da instrução.

Para Nietzsche, o baixo nível de formação dos alunos deve-se na maioria dos casos a categoria dos professores da Alemanha, pois mediante o instante que os preceitos mercadológicos modernos colocaram a educação como mais um meio de se ganhar dinheiro, abriu margem para elevação do número de professores e estabelecimentos de ensino. A quantidade dos estabelecimentos de ensino é algo muito contrária à qualidade do ensino. O quadro de professores sem vocação é enorme fazendo com que o ensino se torne decadente, ou seja, a educação com preceitos de autenticidade é algo que está fora do âmbito desse ambiente escolar.

Quando observamos a quantidade e a variedade dos estabelecimentos de ensino e de aprendizado, assim, como o grande número de alunos e professores, é possível acreditar que a espécie humana dá muita importância à instrução e à verdade. Entretanto, nesse caso, as aparências também enganam. Os professores ensinam para ganhar dinheiro e não se esforçam pela sabedoria, mas pelo crédito que ganham dando a impressão de possuí-la.³¹

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003, p. 62

³⁰ Filósofo alemão (1788-1860) que tanto influenciou boa parte do percurso de construção do pensamento de Nietzsche embora o tenha negado em outro período. É conhecido no campo da história da filosofia como um filósofo de visão pessimista sobre a realidade do mundo. A sua principal obra é *O mundo como vontade e representação*.

³¹ SHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Tradução: Pedro Sússekind. Porto Alegre: Editora L & PM, 2009.

Em Nietzsche, o modelo de cultura foge dessa dinâmica acima apresentada, baseando-se no propósito de uma educação que visa em seus fundamentos educar o sujeito, para que esse venha atingir um nível de formação, com relevância superior, que se dar na individualidade, e não se mistura à noção massificadora. Tendo em vista que a natureza da educação em massa tem uma conotação servil.

2.3 Os métodos educacionais

Um modelo pedagógico de educação digna de reconhecimento, segundo afirma Nietzsche, seria um fundado tendo como base o modelo clássico grego e romano cujo método de ensino se fundamenta no objetivo de melhor instruir os jovens no propósito de desenvolver os estudos das línguas e das artes clássicas e, sobretudo, a língua materna (o alemão), e sempre possibilitando a esses jovens condições para desenvolver suas capacidades criativas. Mas, para isso, se faz necessário uma condução, ou melhor, uma orientação rigorosa do mestre educador, devido ao caráter profundo e complexo dessa cultura, “[...] pois uma verdadeira cultura clássica é algo tão extraordinariamente difícil e raro e demanda dons tão complexos, que não é permitido, senão por ingenuidade ou por insolência, apresentá-la como um objetivo acessível ao ginásio [...]”³². Nietzsche deixa claro que as pretensões da pedagogia liberal apresentada nos ginásios onde os jovens são formados sem nenhum tipo de disciplina e rigor do gênio, devido à forte ascensão do método pedagógico formal nos ginásios que visa somente formar homens de ciência. Essa que está longe de instituir-se em uma cultura verdadeira por não seguir um método que preze pelo rigor técnico da cultura clássica.

[...] No ginásio, todos são considerados, sem um exame mais rigoroso, como seres capazes de fazer literatura, com o direito de ter opiniões pessoais sobre os fatos e os personagens mais sérios, embora uma educação correta devesse justamente aspirar, com

³² NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003. p. 75

todos os seus esforços, reprimir as ridículas pretensões de autonomia de julgamento e apenas habituar o jovem a uma estrita obediência sob a autoridade do gênio [...] ³³.

Faz-se necessário na educação dos jovens uma orientação rigorosa por parte do corpo educacional, no propósito de orientá-los a terem uma postura intelectual que preze pelo rigor e seriedade na produção de pensamento e, por isso, a sugestão que haja exames seletivos para saber a aptidão dos alunos nos ginásios. Antes de considerar o corpo discente como realmente preparado para fazerem suas produções ou realizar juízos sobre qualquer que seja a categoria de pensamento. Esse método segundo nosso autor se vale do desejo de formar eruditos e não homens de cultura. Formar homens de cultura é conduzi-los com ensinamentos que valorizem os conteúdos dos escritos clássicos para um dia se aproximar do modelo de cultura autêntica que para Nietzsche estava na Grécia Antiga, do Período Homérico.

3 A EDUCAÇÃO

O filósofo Friedrich Nietzsche traça sua reflexão sobre a educação, compreendendo-a como um âmbito categórico resultante do sentir, do agir e do pensar humano que abrange os traços, os feitos e os efeitos, dentro e fora do existir de uma sociedade, que tende a perdurar durante os tempos. “A educação é um prosseguimento da geração e, com freqüência, uma espécie de embelezamento posterior da mesma” ³⁴.

Como podemos perceber, a educação para esse filósofo corresponde a algo de natureza durável e constante, é o que há de mais puro e virtuoso no existir de uma sociedade, a moldura ou a forma, que torna a cultura de um povo no vigor de uma autenticidade, que se efetiva no processo de formação de um homem que visa para si o maior nível de virtude, coragem e força. Tal

³³ Ibid., p. 73

³⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004. § 397 _ Educação p. 214.

feito só poderá se efetivar a partir do momento em que um povo busque e pense a educação enquanto único elemento que proporciona as seguintes finalidades: retirar o homem do estado de animalidade; retirar o homem do comodismo e da preguiça; elevar o espírito humano a liberdade.

Nesse sentido, educação no pensamento de Nietzsche corresponde a um mecanismo de aprimoramento do homem enquanto ser dotado de racionalidade que é capaz de sair das amarras dos dogmatismos e da irracionalidade:

[...] Este homem que somente importa à natureza! Até onde alguém reivindicou a vida como uma felicidade, não elevou ainda seu olhar acima do horizonte do animal, se é que ele não quer com mais consciência o que o animal procura num impulso cego. Mas é assim que ocorre com todos nós, durante a maior parte da nossa vida: geralmente, não saímos da animalidade, somos inclusive estes animais que parecem sofrer sem razão ³⁵

Aqui fica claro que Nietzsche pensa a educação como uma espécie de força capaz de mudar e transformar o homem envolvido nas mais pobres e decadentes modelos de formação educacional. Mas ressalta que para isso ocorrer é necessário que tal homem envolvido nesse véu de decadência seja resgatado, através de uma orientação educacional que o direcione ao resgate dos princípios éticos e morais, que conduzia o mais notório e vigoroso modelo de homem que a humanidade já possuiu, que se fez presente na sociedade grega antiga, que guiava seus jovens através de ensinamentos orientados a um modelo educacional rigoroso, cujas perspectivas pedagógicas se evidenciavam no âmbito da obediência às orientações do mestre conselheiro e educador que mostra o verdadeiro caminho para se atingir o espírito heróico e virtuoso da vida (Areté), por vias do adestramento do pensamento.

[...] O adestramento como formação da personalidade humana, mediante o conselho constante e a direção espiritual, é uma característica típica da nobreza de todos os tempos e povos. Só esta classe pode aspirar à formação de personalidade humana na sua

³⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003. , p. 177

totalidade, o que não se pode conseguir sem o cultivo consciente de determinadas qualidades fundamentais³⁶.

É bastante nítido nos textos de Nietzsche, sobre sua convicção, no que condiz ao prestígio e o potencial de veracidade do modelo educacional da comunidade grega antiga, devido esta ter em seus moldes de formação cultural humana princípios rígidos, seguros e duráveis, algo totalmente contrário aos existentes nas sociedades modernas, em que seus padrões educacionais são fugidios, frios e descartáveis, aos quais se fixaram mediante um discurso que buscou despotencializar a vida, ou seja, orienta a mesma com ensinamentos fundados na cultura do medo, da degeneração da memória e da preguiça, fazendo da vida e tudo que há de belo nela, algo decadente. Como vemos a educação moderna, para esse pensador, corresponde um instrumento que desvaloriza a vida, deixando o dono, dessa, o indivíduo, cego e ignorante no que diz respeito à grandeza e o sentido da vida. Viver no mundo é um acontecimento único do existir humano. Tal evidência se faz claro para todos os sujeitos, mas, segundo Nietzsche, tais sujeitos são tomados por um sentimento que os leva a desvencilharem-se dessa consciência, através da ação de assujeitamento ao próximo movida pela ideia de convenção que visa em todo caso atingir o horizonte total da comunidade universal, que exige entre seus pares a fixação do sentimento do medo. “[...] *Mas na maioria dos indivíduos, é a indolência, o comodismo, em suma, esta propensa à preguiça [...]*”³⁷ O filósofo Nietzsche levanta a discussão sobre a perda da autonomia do pensar e do existir do indivíduo, que se faz em existência única no universo, buscando mostrar a grandiosidade dos males que uma má formação cultural poderá causar nos homens de espírito moderno, tornando-os reféns das armadilhas criadas pelo próprio sistema que implantou esse espírito de submissão, nesse sentido, a vida do homem moderno é posta em degenerescência do seu verdadeiro sentido que é de firma-se como ser autônomo. Nesse ponto, o filósofo apresenta qual a tarefa ou o papel do ensino nas escolas modernas:

³⁶ JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Pereira. 4. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001, p. 44

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003. , p. 139

A escola não tem tarefa mais importante do que ensinar o pensamento rigoroso, o julgamento prudente, o raciocínio coerente; por isso ela deve prescindir de todas as coisas que não são úteis a essas operações, por exemplo, da religião. Ela pode esperar que depois a falta de clareza humana, o hábito e a necessidade afrouxarão de novo o arco demasiado tenso do pensar. Mas enquanto durar sua influência, deve promover à força o que é essencial e distintivo no homem: " Razão e Ciência, suprema força do homem " [...]³⁸

Porém, devido à dinâmica que condiciona o espírito atual da educação moderna, a correspondente tarefa escolar se mostra e se faz totalmente contrária ao apontado por Nietzsche. A educação dada aos indivíduos na modernidade se apresenta envolvida por um espírito de submissão. Este espírito denunciado pelo filósofo está relacionado ao cientificismo que penetra e envolve a sociedade moderna. Uma espécie de ordem que põe os homens como indivíduos agrupados, massificados "*um rebanho*", deixando-os longe de qualquer possibilidade em que possa ser educado e a se reconhecerem enquanto sujeitos originais e únicos no mundo. O pensador aponta a figura do artista, enquanto um ser que sobrevive no seio dos tempos modernos, que é capaz de mostrar através da sua arte, o verdadeiro e esplêndido valor da vida humana.

[...] Somente os artistas detestam este andar negligente, como passos contados, com modos emprestados e opiniões portijas, e revelam o segredo, a má-consciência de cada um, o princípio segundo o qual todo homem é um milagre irrepetível; somente eles se atrevem nos mostrar o homem tal como ele propriamente é tal como ele é único e original [...]³⁹

O artista representa é para Nietzsche o sujeito que mostra realmente a força e a potencialidade do homem. Esse é digno de uma existência verdadeira e única e digna total consideração. Aqui o potencial do homem é posto e apresentado enquanto efetivação plena de um sujeito livre, ou seja, distante do discurso de negação desse ser enquanto sujeito autônomo, ou seja,

³⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005. §265: *A razão na escola*, p.167.

³⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003. , p. 139

a negação dessa perspectiva que busca tornar os homens em meros indivíduos massificados. Nesse sentido, Nietzsche apresenta o caminho para o homem que deseja não pertencer à massa, e sair desses laços que os põe na condição de um animal em rebanhos: “[...] *O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele grita: ‘Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e deseja [...]’*”⁴⁰. Como vemos o caminho verdadeiro para os homens atingirem os moldes do espírito autônomo é educação de si.

[...] Mas o grande êxito é reservado para quem pretende educar não todos, nem círculos restritos, mas um só indivíduo, e não volta o olhar para a esquerda ou a direita. Precisamente nisto o século passado é superior ao nosso, por nele ter havido muitas pessoas educadas individualmente, com outros tantos educadores que nisso enxergaram a tarefa de sua vida – e, com a tarefa, também a dignidade, perante si mesmos e qualquer outra “boa sociedade”.⁴¹

Mas, o contrário, do apresentado na passagem acima, se evidencia na cultura moderna, que preza em estabelecer no horizonte educacional métodos e modelos que se distanciam da verdadeira forma de fazer educação, fazendo dos homens ditos da modernidade presas fáceis à imposição de uma cultura do medo e a submissão aos homens. Tal perspectiva em todos os sentidos faz emergir os elementos de uma sociedade em decadência que compromete as gerações futuras: “[...] *Qual não seria a aversão das gerações futuras, quando tivessem de se ocupar com a herança deste período, em que não são os homens vigorosos que governam, mas os arremedos de homens, os intérpretes da opinião [...]*”⁴²

Para Nietzsche, somente o cidadão que não se vê enquanto homem desse tempo terá a capacidade de fugir das amarras que prendem aos tempos modernos, que foram constituídos aos cuidados da opinião. Em todo sentido

⁴⁰ Id.

⁴¹ **NIETZSCHE**, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004. § 194: p. 138

⁴² Id.

para se efetivar enquanto sujeito que está livre dessas circunstâncias destruídas pelo conformismo e pela opinião. “[...] Temos de assumir diante de nós mesmos a responsabilidade por nossa existência, por conseguinte, queremos agir como os verdadeiros timoneiros desta vida e não permitir que nossa existência pareça uma contingência privada de pensamento [...]”⁴³

O filósofo pensa na questão do homem se encontrar e se reconhecer como sujeito protagonista da sua própria história, ou seja, um ser que trilha com suas próprias forças o seu caminho. Este conhecer-se que Nietzsche pergunta não se volta ao jogo da visão metafísica que fala sobre um conhecer enquanto essência, pois para o nosso pensador essa é uma proposta que não dá uma verdadeira resposta ao homem. “[...] Pois tua essência verdadeira não está oculta no fundo de ti, mas coloca infinitamente acima de ti, ou pelo menos daquilo que tomas comumente como sendo teu eu [...]”⁴⁴. É notório que a educação enquanto um modelo de formação educacional em excelência pode ser estabelecido segundo esse respectivo pensador mediante um processo de orientação que visa uma construção gradativa e de todo modo individual de homem livre, nas mazelas do seu tempo.

[...] Esta é a razão pela qual os filósofos modernos estão entre os promotores mais poderosos da vida, da vontade de viver, e, do fundo da sua época anêmica, aspiram uma cultura, uma transfiguração da physis. Mas esta aspiração é também seu perigo: o reformador da vida e o filósofo – quer dizer: o juiz da vida – se enfrentam neles. Qualquer que seja o lado para onde penda a vitória, trata-se sempre de uma vitória que inclui uma perda [...] ⁴⁵

Na introdução do livro *Paidéia*, o autor ⁴⁶ apresenta uma definição sobre educação, que se assemelha à concepção apresentada na filosofia de Nietzsche. “[...] Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana

⁴³ Ibid., p.140

⁴⁴ Ibid., p.141

⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003. , p. 162

⁴⁶ Werner Jaeger

*conversa e transmite a sua peculiaridade física e espiritual [...]”.*⁴⁷ Como podemos perceber, a educação é posta por Jaeger como uma espécie de mecanismo que os homens possuem para preservar e transmitir o seu legado. Ele também vê educação como um feito humano, que existe vinculado e vivenciado em uma sociedade, mesmo que os pares dessa não tenham consciência da sua existência dentro do seu próprio tempo:

A educação é uma função natural e universal da comunidade humana, que, pela sua própria evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária. O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático [...]⁴⁸

Como percebermos, Jaeger apresenta sua visão sobre a educação grega em comum acordo com a visão de Nietzsche, por defender de maneira convicta, que o compromisso estabelecido com a educação dos homens na comunidade grega antiga corresponde verdadeiramente à fixação de uma cultura forte. Que se estrutura através da ordem espiritual que volta seu olhar pura e especificamente a valoração da dignidade do homem, ou seja, os gregos antigos comungavam entre si o forte desejo de estabelecer uma cultura formada por sujeitos comprometidos com sua pátria e sua honra. E na sua formação, a educação adquirida e construída por intermédio da instrução advinda do mestre educador, que tinha como um dos seus ensinamentos clássicos a ser apresentado e exigido a seus discípulos, o desenvolvimento do potencial de memorização dos fatos e acontecimentos que envolveram os grandes homens, os guerreiros e o heróis, para assim recordá-los e manter vivo seus exemplos de vida, e conseqüentemente acrescentarem os ensinamentos deixados no seu processo de formação no intuito de fortalecer seu aprendizado, como podemos perceber nessa passagem:

⁴⁷ JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Pereira. 4. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001, p. 03

⁴⁸ *Ibid.*, p. 23

[...] Peleu entrega o seu filho Aquiles, sem qualquer experiência na arte da palavra e na conduta guerreira, ao seu leal vassalo, dando-o a ele como companheiro no campo e na corte real, e este imprime na consciência do herói um alto ideal de conduta humana transmitido pela tradição. [...] ⁴⁹.

É bem notório nessa passagem que registra o momento da entrega de Aquiles aos cuidados do seu mestre, que nesse caso é Fênix, que irá educá-lo no mais alto potencial de conduta humana que se estabelecerá por meio do emergir do espírito forte da honra e da coragem do guerreiro que sempre almeja, na profundidade do seu eu, conquistar mais virtude (*arete*). Mas para o jovem Aquiles se tornar um grande herói repleto de grandes conquistas, é necessário que ele siga os procedimentos da conduta rígida do mestre que vai orientá-lo a se tornar por si mesmo um homem livre e virtuoso. Tendo sempre como base da sua formação o cuidado de recorrer à memória para lembrar e tomar para si os preceitos que nortearam os grandes fatos que marcaram a história dos heróis ao no sentido de fortalecer seu espírito de jovem aprendiz, que tantas coisas tem para aprender nesse percurso constante que visa atingir o mais alto ideal de Homem. A correspondente meta de formação, todavia, fazia parte do desejo coletivo dos gregos antigos, como bem registra Jaeger Werner nessa passagem:

[...] o mais alto ideal de Homem que o nosso espírito consegue forjar e que todo nobre aspira a realizar em si próprio. Só o mais alto amor deste eu, em que está implícita a mais elevada *arete*, é capaz de "fazer sua a beleza". Esta frase é tão genuinamente grega, que é difícil vertê-la para um idioma moderno. Aspirar à "beleza" (que para os Gregos significa ao mesmo tempo nobreza e eleição) e fazê-lo sua é não perder nenhuma ocasião de conquistar o prêmio da mais alta *arete* ⁵⁰

3.1 O mestre educador

⁴⁹ Ibid., p.53

⁵⁰ Ibid.,35

Nietzsche nos apresenta o filósofo Schopenhauer, como um pensador que conseguiu atravessar o horizonte teórico da Filosofia ao estabelecer por si mesmo, uma filosofia, que pode viver de acordo com ela, cujo mérito principal é a fixação da verdade em todos os seus princípios, e nunca querer edificar pensamentos segundo bases ilusórias do mundo moderno, “[...] *Schopenhauer se levantou contra esta falsa mãe, vaidosa e indigna, a sua época, e expulsando-a por assim dizer de si, ele purificou e curou seu ser e se reencontrou na saúde e na pureza que lhe pertenciam [...]*”.⁵¹ Outra característica que Nietzsche destaca ao pensador é honestidade que esse estabelece aos seus princípios filosóficos:

[...] Que honestidade seja algo, e mesmo uma virtude, na época das opiniões públicas, isto pertence seguramente ao círculo das opiniões privadas que são interditas. Além disso, não terei louvado Schopenhauer, o terei simplesmente caracterizado, quando repito: ele é honesto, mesmo como escritor [...].⁵²

É nítido nessa passagem que Schopenhauer foi um homem que conseguiu sobreviver no mundo moderno preservando uma das maiores virtudes que um homem possa ter, a honestidade. Afirmando nesse gesto sua dignidade de um homem livre, pois não garantiu sua existência no mundo presa aos interesses de um Estado moderno que busca fixar nos membros formadores da sociedade, o desejo de viver segundo um modelo de vida fadado no ideal de felicidade, que se constitui no acúmulo e no ganho de dinheiro. O correspondente Estado apresenta um projeto cultural geral baseado na econômica política do mercado, onde a educação é estruturada para ser vivenciada de maneira apressada e acumulativa, com intuito de preparar os jovens ao mercado de trabalho. Além disso, comportam-se como um tirano que impõem seus valores baseados em interesses que destrói, através de estrutura funcional que torna o homem em um servo e escravo, a liberdade, por meio de um projeto político audacioso, que tende a dominar tudo e a todos, até mesmo o saber filosófico, que é uma manifestação do pensamento humano que se fixa

⁵¹ Ibid., p. 163

⁵² Ibid.,p.148

no horizonte da liberdade plena. Para isto, teve como estratégia, o gesto de aproximar e trazer para dentro de suas repartições o filósofo na condição não de governante como pensou Platão, mas na condição de professor de filosofia, para que este, esteja a serviço da disseminação da nefasta proposta cultural de dominação pensada pelo Estado.

Nesse sentido, Nietzsche registra, “[...] *O Estado moderno, é verdade, está mais do que nunca longe de escolher para si filósofos como governantes [...]*”⁵³ Isso porque a filosofia tem como um dos seus compromissos fazer emergir sempre a verdade em qualquer que seja o ambiente que norteia a existência do pensamento humano. Um preceito que o Estado tem como tarefa, é está sempre camuflando seus espaços de atuação, nessa perspectiva o interesse apresentado para com a filosofia, corresponde a uma estratégia de ter os filósofos ao seu lado, para assim neutralizar a capacidade existente destes de agir e reagir contra o Estado que se efetua por meio de ordenamentos falsos, Nietzsche nos diz “[...] *Ocorre de fato que em geral o Estado tem medo da filosofia, então, neste caso, ele buscará, cada vez mais, atrair para si o maior número de filósofos que puder o que lhe confere a ilusão de ter a filosofia do seu lado [...]*”⁵⁴ Porém, o pensador deixa claro que o filósofo disposto a colocar-se a serviço do Estado passa à vivência um estágio de não mais comungar com a verdade que tange a essência da Filosofia e passa comungar com as normas e regras do Estado moderno. Como podemos perceber nessa passagem:

[...] Se alguém aceita, então, ser filósofo por concessão do Estado, é preciso também que aceite ser considerado por este como se tivesse desistido de perseguir a verdade nos seus últimos refúgios. Pelo menos, enquanto estiver sendo favorecido e enquanto tiver um emprego, ele deve ainda reconhecer algo que é superior à verdade, isto é, o Estado. [...] ⁵⁵.

⁵³ Ibid., p.208

⁵⁴ Ibid., p.210

⁵⁵ Id., p.210

Como vemos essa relação da filosofia com Estado nas palavras do nosso filósofo é uma relação contingente, pois o estabelecimento dessa relação é posta segundo os padrões impostos e avaliados pelo próprio Estado dando condições para que sempre esteja controlado, vigiando e limitando os passos do filósofo que se pôs na condição de funcionário dessa instituição. Nesse ponto Nietzsche refere-se ao ensino de filosofia nas universidades, porque correspondem a mais um ambiente também gerenciado pelo Estado controlador que exige a fixação de um quadro de disciplinas, horários, e atividades determinadas e estabelecidas segundo sua jurisdição, transformando a educação filosófica como um fazer de natureza conteudista comprometida somente em preparar os jovens para prova de filosofia, pois não se apresenta conteúdos filosóficos que possibilite a esse jovem viver de acordo com eles, ou seja, Nietzsche faz a crítica ao gesto de ensinar a filosofia dando ênfase a sua perspectiva meramente teórica:

[...] A única crítica de uma filosofia que é possível e que além disso é também a única que demonstra algo, quer dizer, aquela que consiste em experimentar a possibilidade de viver de acordo com ela, esta filosofia jamais foi ensinada nas universidades: sempre se ensinou apenas a crítica das palavras pelas palavras [...].⁵⁶

Nietzsche nos fala que a união da filosofia através do magistério moldado segundo a inteligência do Estado moderno, consiste não em uma aproximação com a Filosofia, mas sim, um distanciamento, pois a Filosofia em realidade dar-se em circunstâncias livre. “[...] *Por isso digo que é uma necessidade da cultura privar a filosofia de qualquer conhecimento do Estado e a Universidade da tarefa insolúvel para ambos de distinguir entre a verdadeira filosofia e a filosofia aparente [...]*”⁵⁷. A Filosofia constitui-se para nosso pensador um fazer de natureza livre que tem por excelência o compromisso de prezar pela edificação da sua essência que é a verdade plena das coisas e dos fatos no mundo. “[...] *pertence à essência da verdade jamais se colocar a*

⁵⁶ Ibid., p.213

⁵⁷ Ibid., p. 217

*serviço de ninguém e jamais aceitar um soldo de quem que seja [...]*⁵⁸. O ser que vivência o saber filosófico em toda instância corresponde a um sujeito que guarda dentro seu íntimo uma força e com grande poder de transformação.

[...] a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhum tirano pode penetrar, a caverna da interioridade, o labirinto do coração: e isto deixa enfurecido os tiranos. Os solitários aí se escondem, mas aí também os espereita o maior perigo. Estes homens, que puseram a salvo sua liberdade no fundo de si próprios, não têm outro remédio senão ter também uma vida exterior, se tornar visíveis, se fazer ver [...]⁵⁹

Como vemos na citação acima, a Filosofia corresponde para Nietzsche como uma força que penetra no mais íntimo de um homem até mesmo nos instante de solidão, perpetuando-se enquanto abrigo que acolhe e educa o sujeito que se dispõe a viver segundo ela, preparando-o de maneira fortalecida com a amizade pela sabedoria. Porém, alerta que tal disposição não garante uma vida feliz, ou seja, sem dor, embora, o pensador deixe claro que comunga da afirmação de Schopenhauer, que diz, “ *uma vida feliz é impossível; aquilo que um homem pode atingir de mais elevado é uma **vida heróica** [*heroischer Lebenslauf*]*⁶⁰. Nesse sentido, uma existência moldada segundo os preceitos da veracidade corresponde a um combate constante às falsas leis que rege a existência no mundo.

[...] O homem de Schopenhauer assume para si o sofrimento voluntário da veracidade e este sofrimento lhe serve para mortificar sua vontade pessoal e para preparar a subversão, a total transformação do seu ser, alvo que constitui o objetivo e o sentimento verdadeiro da vida [...]⁶¹

É nessa convicção que Nietzsche aponta Arthur Schopenhauer como um verdadeiro exemplo de mestre educador que sobreviveu como um

⁵⁸ Id., p.217

⁵⁹ Ibid., p. 154

⁶⁰ Ibid., p.172

⁶¹ Ibid., p. 171

herói na modernidade. Por se fazer firme e fiel a razão filosófica dando de ombros a cultura que preza por uma existência marcada pelo interesse de estabelecer e fixar o discurso da felicidade ideal alcançada em vias do lucro e do progresso pensado pelo Estado moderno, que por vias próprias tenta estabelecer um modelo de educação que tem como único objetivo instruir servos para o mercado de trabalho e não visa formar homens com grande capacidade de criar e de pensar novos conhecimentos de maneira livre, pois tal direcionamento faz-se necessário uma educação mais rígida e comprometida, realizada por intermédio do mestre educador, que molda seus discípulos através dos seus ensinamentos através de um modelo de educação que valoriza uma formação cultural solidificada na razão que tende sempre atingir uma autenticidade dos fatos no mundo. O filósofo brasileiro Galo traça um comentário sobre a essência desse modelo de educação defendido por Nietzsche:

[...] O modelo de Nietzsche é o da antiguidade clássica, em que as forças de afirmação da vida conspiram para a criação de uma “cultura superior”, da qual ele não vê traços na cultura moderna. E pior: os estabelecimentos de ensino alemães, moderno, na mediocridade da cultura geral “não incentivando – e mesmo impedindo – que pessoas superiores” verdadeiros criadores, pudessem emergir.⁶²

Como vemos Nietzsche pensa um modelo de educação que tem como propósito, primeiro educar os jovens no intuito de tornarem-se no futuro homens autônomos, como já foi dito em outros momentos, a efetivação e o desenvolvimento desse processo necessariamente só poderá ser efetuado por vias de uma condução rígida do mestre educador que se faz com o verdadeiro exemplo de educador. Diz Nietzsche:

[...] Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelam o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência, algo que resiste absolutamente a qualquer formação, qualquer coisa em todo caso de difícil acesso,

⁶²GALO, Silvio. *Crítica da cultura, educação e superação de si: entre Nietzsche e Stirner educação como formação, educação como transformação*. In: MARTINS, Angela S.; PINHEIRO, P. (org.) [et al.]. *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Editora DP & A, Rio de Janeiro: Editora UNI-RIO; Brasília: Editora Capes, 2006, p.330

como um feixe compacto e regido: teus educadores não podem ser outro senão teus libertadores [...] ⁶³

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche apresenta a sua preocupação com o futuro dos estabelecimentos de ensino vigente na Alemanha que estão aos encargos dos ventos modernos do Capitalismo que movimenta o vapor da máquina do capital acumulativo de produção e bens de consumo. Nesse sentido, o Estado, envolvido nessa ordem, não mede esforços para implantar, em todas as suas bases de formação, o modelo tecnicista de educação que apresenta características pedagógicas que fazem valer a dinâmica acelerada que move o espírito econômico moderno, o qual põe em segundo plano os interesses educacionais que visam formar homens críticos e pensantes, que podem criar de maneira livre coisas novas. No entanto, conserva e valoriza uma educação que visa tornar os homens aptos a acumular e reproduzir os conhecimentos prontos e acabados.

O nosso filósofo reprova veementemente o correspondente método, por tratar a educação como um instrumento que deve ser usado para fazer dos homens escravos da economia política, distanciando-a da sua principal função que é formar homens dotados de existência livre. Esta alcançada por vias de uma formação superior que mostra aos jovens estudantes os caminhos e delegando-lhes a decisão de se dispor através de si mesmo a trilhá-los, guiados pelo vigor e pela força do conhecimento verdadeiro que os encoraja a seguir, superando as dores e as amarras do mundo. Tal feito não é de interesse da cultura moderna, pois preza por uma educação que louva o medo da solidão. Como bem nos diz Nietzsche: *“Paulatinamente esclareceu-se para*

⁶³ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Educação*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003, p.142

*mim, a mais comum deficiência de nosso tipo de formação e educação: ninguém aprende, ninguém aspira, ninguém ensina – a suportar a solidão*⁶⁴.

Nietzsche defende uma educação cujo pressuposto pedagógico compreende uma espécie de cuidado, “*cuidado de si*”, que corresponde a um compromisso com sua existência.

⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004. § 443 _ *Sobre a educação* p. 320.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Colônia, Culto e cultura**. In: _____ *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Pereira. 4ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. 2ª Ed. Editora Autêntica; Belo Horizonte, 2005.

NASCIMENTO, Miguel Antonio do. *Nietzsche e a questão da verdade*. In: MARTINS, Angela S.; PINHEIRO, P. (org.) [et al.]. *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Editora DP & A, Rio de Janeiro; Editora UNI-RIO, Brasília; Editora Capes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre Educação**. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2ª Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

_____, Friedrich. **Humano Demasiando Humano**. Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

_____, Friedrich. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução; Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é**: educação como formação, educação como transformação. In: MARTINS, Angela S.; PINHEIRO, P. (org.) [et al.]. *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Editora DP & A, Rio de Janeiro; Editora UNI-RIO, Brasília; Editora Capes, 2006.

SHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução: Pedro Sússekind. Porto Alegre: Editora L & PM, 2009.

TEIXEIRA, Anísio S. *Educação*. In: BONOW, IvaWaisberg (org); MENDONÇA, Edgard S. de.; [Et al]. **Enciclopédia Delta Larousse**. V. IV. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1968